

Ô LAPASSI & OUTROS RITMOS DE OUVIDO: MODO DE USAR

Ô Lapassi & Outros Ritmos de Ouvido, de Edimilson de Almeida Pereira. Editora UFMG, 70 p. (poesia)

Ô Lapassi & Outros Ritmos de Ouvido, de Edimilson de Almeida Pereira, pode soar, à primeira leitura, como um livro difícil, estranho mesmo, em relação à poesia que se escreve atualmente no País, mas não diante da obra já publicada desse juizforano de 26 anos de idade e 15 de criação poética. São 7 livros ao todo, e todos — mais ou menos — envolvidos pela cortina de silêncio pesadíssimo que costuma marcar o aparecimento de novos autores entre nós, notadamente os que pretendam cumprir com seu trabalho um roteiro que desconsidere já enquanto hipótese a via do carreirismo literário e da subsequente alienação criativa.

Contra o silêncio, Edimilson promete — para breve — a reunião de todos estes livros num único volume, **Corpo vivo**, que terá introdução crítica assinada pelo autor desta resenha. É possível até que, no momento em que esta saia publicada, eu ainda me encontre às voltas com a decifração dos muitos rumos propostos pela “poética edimilsoniana”. E que não suponha o leitor, à visão das aspas, qualquer nota irônica na expressão “poética edimilsoniana”: é a definição justa para um poeta/uma poesia que tanto recupera, a seu modo, a questão do dizer — minimizada, como se sabe, pelas vanguardas estéticas de 50/60 —, como igualmente se exercita no enunciado de novos modos de dizer, quais sejam, a atualização de procedimentos

específicos da textualidade negro-africana e afro-brasileira e sua inserção no ambiente geral da poesia brasileira contemporânea.

Penso que é por aí que se pode ler o **Lapassi & Outros Ritmos de Ouvido**: “à Pound”, ou seja, passando por cima das dificuldades apresentadas pelos textos. A propósito, em artigo publicado no **Suplemento Literário do Minas Gerais (07/01/89)**, referi-me ao “verdadeiro cipoal de imagens insólitas” encontráveis nos poemas de certo livro de Edimilson, dando em seguida a “dica” para o bom êxito do “safári semiótico” do leitor: “Basta que se devolva às imagens a qualidade anterior, já referida por Senghor (Leopold Sédar), ‘de descrever, citar as coisas, para que brote o sentido sob o signo’, o fato comum, é ainda Senghor quem o diz, ‘nas línguas africanas, em que a maioria das palavras são descritivas, quer se trate de fonética, quer de morfologia ou de semântica’ (“nem há motivo de os passistas/tremerem na alma dos pés”, lê-se num dos poemas). Não se descarte também a possibilidade do sentido brotar de sob o som: “no cubículo o som / evola / como um papiro”, em que este papiro inoportuno não vence o vigor e a vertigem do voo aliterante de “cubículo / evola”. No perde-ganha da poesia (criação / re-criação via- leitura) — neste caso, da poesia do autor de o **Lapassi** — pode não brotar sentido algum: “mestre alua Gincaré / dá combes de / andorinha” é só música. Cifrada.

E é mesmo a música que domina a primeira seção de o **Lapassi...** O que se encontra aí é uma profusão de sons (ouvidos, dançados, imaginados) e silêncios: “o trompetista ausente / faz suar nossas axilas”; “o cego no Calçadão / com seu acordeon / Schandall / tira canções em branco e preto”; ou “em cidade onde o / silêncio o desafia / irmão / nunca triste é o músico que o / desdobra”.

Ao contrário da primeira seção, onde o poeta busca mapear a sua memória mais básica, presentificando-a numa nova ordem sintática e rítmica — visando desta forma atender a um só tempo o ouvido e o olho, como se depreende do sentido de distribuição espacial dos textos —, a segunda — um périplo por

lugares do mundo com grande densidade populacional negra — projeta para o “olho que lê” uma maior abertura dialógica, sob a luz de significativa epígrafe extraída de Drummond de Andrade: “Como vive o homem, / se é certo que vive?” Para citar um único exemplo, um poema como “LUANDA ou Por Que uma Cidade Habita num Homem”, que fecha a seção, é uma tentativa de resposta:

“os homens são banidos de sua terra e tornam com o tempo mais velhos: são homens crescidos e sua vontade revendo a árvore que o vento concebeu em suas ausências: um oceano não adia um homem de sua árvore e a experiência que o amplia ensina-lhe a orientação do mundo”.

RIQUE ALEIXO

poeta e crítico literário